

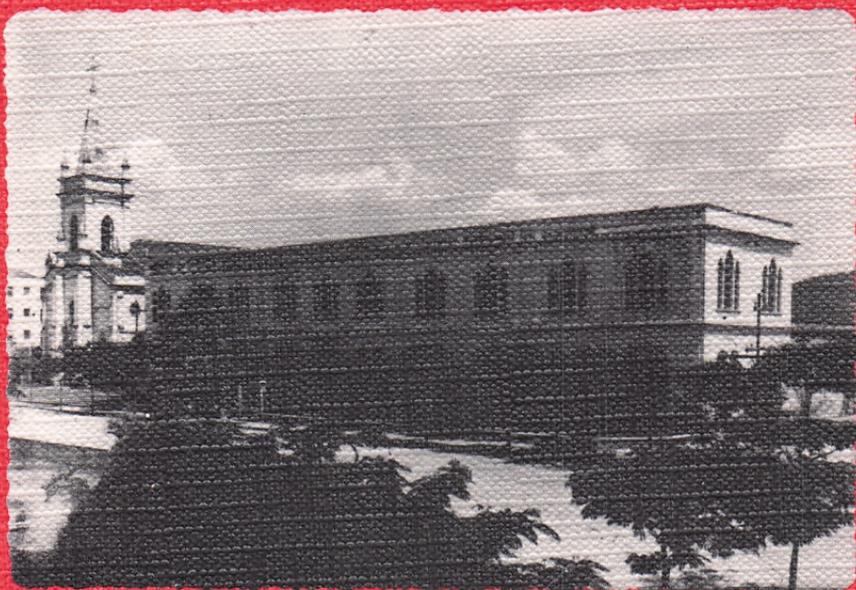
JOSÉ LUCIANO SCHNEIDER

da

A. C. L.

Último Cruzado

Biografia



VISTA FRONTAL DO COLÉGIO SANTA TERESA — CORUMBÁ, MT

JOSÉ LUCIANO SCHNEIDER

da

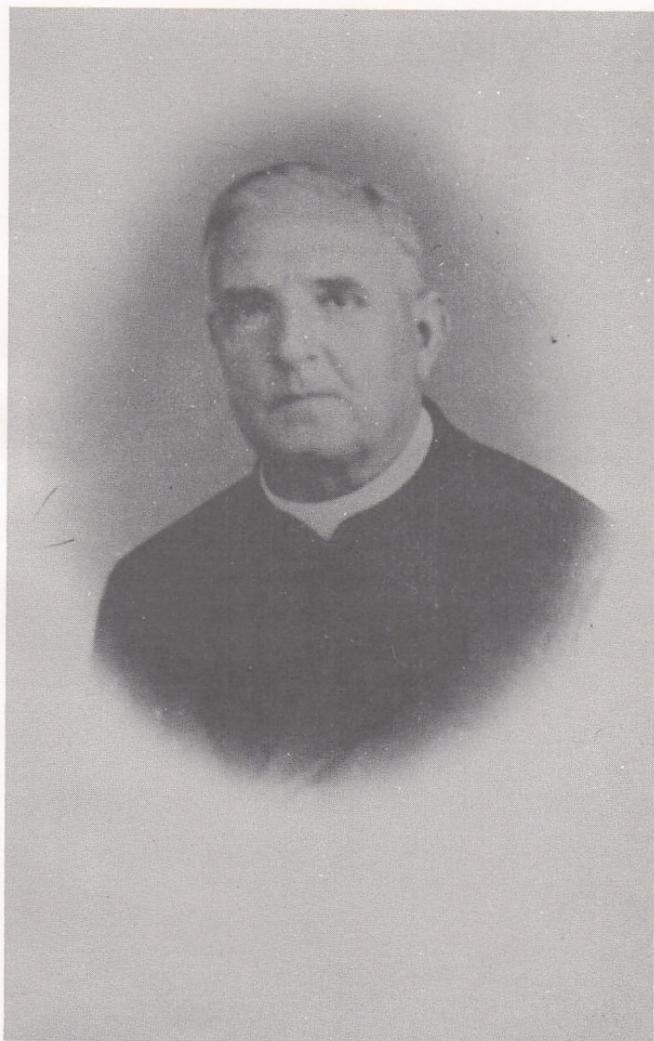
A. C. L.

Último Cruzado

B I O G R A F I A

SÃO PAULO

1977



Padre Januário Audisio Ducotey
Salesiano

PREFÁCIO

DIOCESE DE CAMPO GRANDE

Rua Rui Barbosa, 877 - Fone 4-3323 - Cx. P. 554
79100 - Campo Grande - MT — Brasil

Com delicadas tintas, colhidas na paleta da gratidão e da saudade, sob o sugestivo nome de ÚLTIMO CRUZADO, em capítulos que são iluminuras, retrata o Autor a marcante personalidade humana e salesiana do Padre Januário Audísio Ducotey.

* * *

Como que a provar a autenticidade das reminiscências do Autor, desejo acrescentar esta minha, dos meus tempos de jovem “coroinha”, no santuário do Sagrado Coração de Jesus, de São Paulo.

Eram dias da Novena do Santo Natal, em 1923...

Padre Januário, o missionário do Mato Grosso, lá estava de passagem e fora convidado para presidir à cerimônia.

Sua sonora e grande voz, já no início, ao entoar o *Regem Venturum*, nos encantou, sua piedade no decorrer da solenidade nos envolveu e, em seguida, sua bondade nos conquistou.

Deus sabe se aquele encontro fortuito e passageiro não contribuiu também para que o “coroinha” no ano

seguinte partisse rumo a Lavrinhas, seminário menor da Congregação Salesiana.

Agradeço ao Autor por me ter convidado a prefaci-
ciar o seu lindo livro. Assim me fez, mais uma vez, re-
viver este episódio da minha longínqua juventude.

* * *

O segredo dessa santa atração, que encaminhava
para Deus, o Autor o ilumina no capítulo intitulado
"Com o Giz na Mão".

O venerando Mestre que, aos oitenta e um anos,
está, junto ao quadro-negro, ministrando mais uma vez
a lição de toda a vida: conjugar o verbo *aimer*-amar...

Padre Januário, servindo-se largamente da rica
personalidade que Deus lhe deu, firmava sua mão ro-
busta numa alavanca que o Pai e Fundador, Dom Bosco,
ensinara como imprescindível numa educação que
busque realmente levantar o homem perante sua consi-
ciência, nos horizontes do mundo, no conspecto de
Deus: a alavanca da "amorevolezza", palavra que nós,
com certa pobreza, traduzimos por "carinho".

* * *

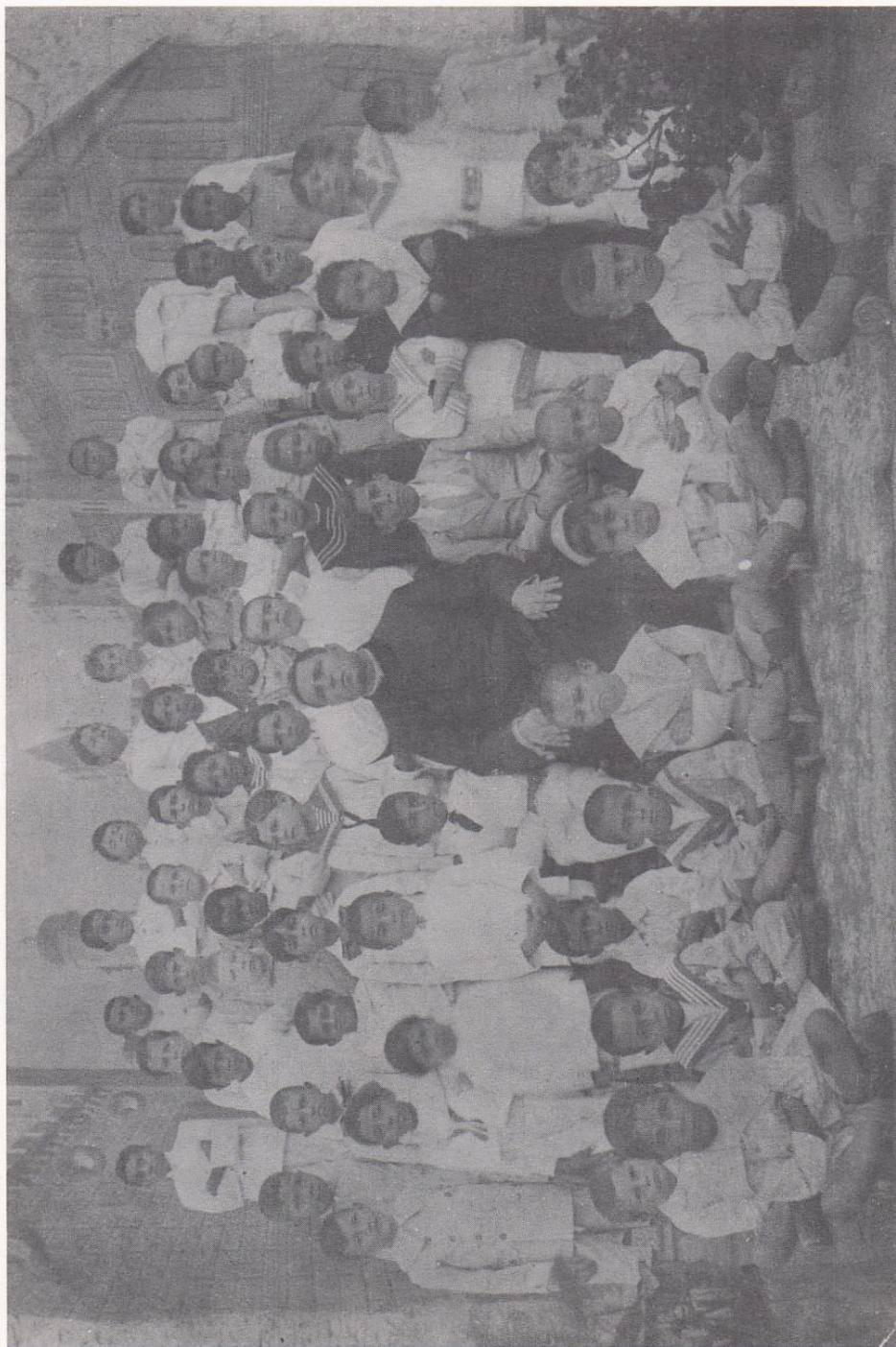
Fazemos votos por que este livro nos ajude a con-
servar perene recordação do Padre Januário.

Temos certeza que ele ficará bem contente, se tudo
fizermos para que se possa dizer: *Padre Janu* foi bem
o ÚLTIMO CRUZADO da sua geração, mas em nossa
geração se multiplicaram os que, em lhe acolhendo o
exemplo, conservaram acesa a chama do mesmo ideal.

Dom Antonio Barbosa

À
*MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO —
Inspetoria de Santo Afonso Maria de Ligório
— onde mourejou por largos anos em prol da
Juventude, o nosso biografado Padre Audisio,
símbolo autêntico dos Salesianos de Dom
Bosco.*

*O. D. C.
O Autor.*



1.ª Classe em 1919 — Padre Audisio e seus alunos



Cia. São Luiz — Ao centro o Diretor P. Hermenegildo Carrá

RAZÃO DE SER

Neste modesto opúsculo **ÚLTIMO CRUZADO**, pretendo apresentar, tanto quanto possível, pedacinhos reais da vida de meu Patrono na Academia Corumbense de Letras.

Escolhi o meu professor Padre Januário Audisio Ducotey que faz parte dos 40 patronos determinados para a novel Agremiação Literária.

Para dar maior realce, melhor compreensão e interesse em sua biografia, procurei fotografias antigas, de seus primeiros anos no Santa Teresa, onde como bom fotógrafo-amador que era, deixou inesquecíveis retratos para os pósteros. Infelizmente, perderam-se as melhores, batidas pela sua velha máquina 13 x 18, através de seu olho clínico de mestre nos belíssimos ângulos escolhidos.

Numa época recuada como aquela de 1914 a 1925, não existia automóvel em profusão nem rádio. Cinema apenas um "Cine-Excelsior" e televisão menos ainda. Daí — numa cidade de poucos divertimentos, a necessidade de, num colégio de 400 alunos, se fazer de tudo para instruir, educar, divertir os guapos meninos da época. E de tudo se tinha e se fazia com carinho, precisão e muita ordem e respeito.

Compreende-se, então, porque havia mensalmente dois dramas ou mais, entremeados com jocosas comédias, poesias, diálogos e canções.

O teatro salesiano funcionava mesmo. Os atores e cantores apareciam e como eram bons, compenetrados em sua parte.

E os declamadores eram tantos... Quem não se lembra do Cacique (Santa Lucci), declamando com arte e gestos elegantes as poesias de Dom Francisco de Aquino Corrêa, no dia 7 de setembro: Independência ou Morte.

Hoje o teatro, em nosso meio, desapareceu. Por quê?

— Porque o cinema matou o teatro e o circo. A televisão, por sua vez, matou o cinema que passou a ser visto em casa. Razão porque é difícil a mocidade hodierna interessar-se pela arte, no Palco.

O Teatro exercitava sobremaneira a memória da juventude em flor! Assistimos dramas de 5 atos sem um "Ponto" sequer. Impressionante como levavam a sério o seu papel.

Hoje, tudo diferente! A vida é outra... A humanidade caminha para um precipício sem tamanho. O custo de vida cada vez mais difícil e complicando-se dia a dia... O que não verão os nossos filhos daqui apenas dez anos!...

Seja tudo como o bom Jesus permitir, pois o seu mandamento máximo, repetido tantas vezes pelo meu Patrono em suas homilias, não é, infelizmente, observado: "Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei".

* * *

PREAMBULO

COUBE-ME, neste sodalício acadêmico, o prazer de receber como Patrono o meu mestre Padre JANUÁRIO AUDISIO DUCOTEY.

Vamos alinhar sua biografia, através do nosso conhecimento pessoal de sua existência, nesta nossa terra do berço, e de sua carta mortuária.

Nasceu em Philippeville — Argélia, aos 4 de novembro de 1883, de Estevão Audisio e Margarida Júlia Ducotey. Tendo-se então, seus pais mudado para a Itália, frequentou as aulas do colégio salesiano de Fossano (Cuneo). Ao contacto com os salesianos daqueles primeiros tempos, sentiu desabrochar sua vocação salesiana.

Entrou no noviciado de Foglizzo — Itália, recebendo a batina das mãos do sucessor de Dom Bosco que era o P. Miguel Rua, diante do qual emitiu sua profissão religiosa a primeiro de outubro de 1904.

Entre os colegas de profissão encontramos os jovens: César Albisetti, José Selva e Francisco de Aquino Corrêa, futuros companheiros de apostolado em terras matogrossenses. Feitos os estudos filosóficos e o tirocínio, dá início em 1909 aos estudos teológicos. Foi naquela oportunidade que um dia o Padre Miguel Rua lhe disse: **Algerino, non vuoi andare al Mato Grosso?**

O jovem clérigo, como outrora os discípulos de Jesus, foi pronto ao chamado e, sem nem se despedir dos parentes, que haveria de rever somente em 1923, partiu para a longínqua missão.

Chegando a Cuiabá, foi enviado à Colônia da Imaculada, às margens do Rio das Graças. Para o jovem batalhador devem ter causado profunda impressão a pobreza extrema e a vida difícil da colônia.

Seu entusiasmo, porém, não esmoreceu, como se deduz de seu pedido para os votos perpétuos, onde afirmava **“avere sempre il desiderio di dare tutta la mia vita a Dio”**. Fez sua profissão perpétua em Corumbá, para onde fora transferido em 1912. A vida desse educador dombosquino, que mostraremos fielmente quanto possível, foi toda ela dedicada com amor e carinho à educação dos jovens.

* * *

AMIGOS presentes, acompanhai-me com o pensamento. Vamos viajar. É tão bom, mesmo em pensamento. Viagem curta. Divertida e alegre. Apenas 24 capítulos em 40 minutos de leitura dinâmica. Iremos todos juntos num avião à jato. Daremos um nome brasileiro-francês ao gigantesco aparelho: **Avião Santos Dumont**.

ATENÇÃO! Comunico aos passageiros desta aeronave, que serei o Piloto e Cicerone também, escolhendo lugares, casos e cenas pitorescas. Iremos longe, bem longe — “Além, muito além daquela serra”.

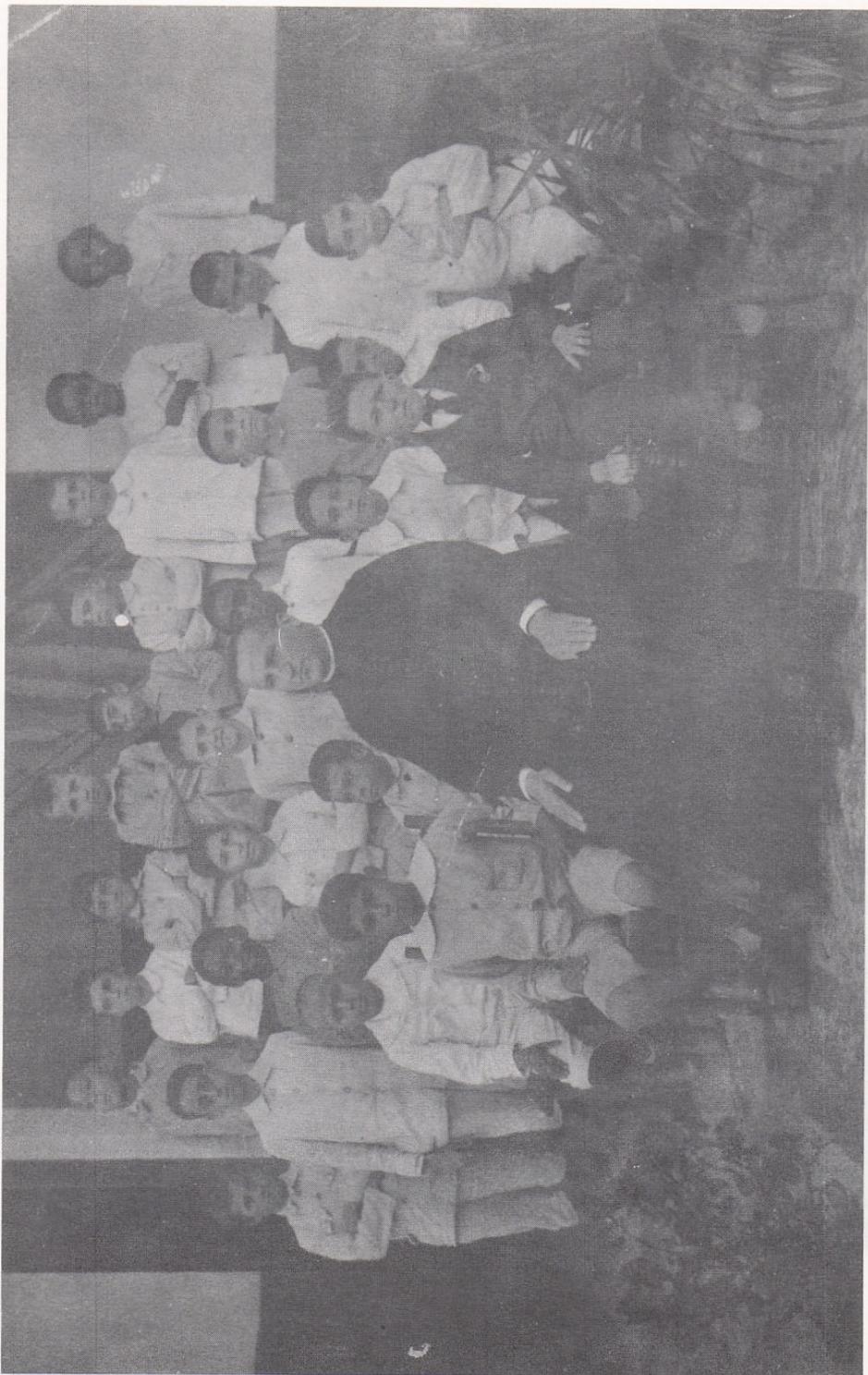
Passageiros do Santos Dumont, queiram tomar os seus lugares. Afivelai os cintos. Todos prontos? Então, vamos.

Sobrevoamos de cara o ano de 1915.

Igreja de Nossa Senhora da Candelária em Corumbá — MT.

Dia 16 de julho, o de Nossa Senhora do Carmo.

Dom Cirilo de Paula Freitas que ordenara um jovem de 30 anos, assiste sua 1.^a missa solene. Assiste àquela missa com o coração de bom Pastor, nadando em ine-



Uma das Classes com o Prof. Pe. Nicolau Mortini



Sul América Clube — Ano de 1921

briamentos celestiais! Um sacerdote a mais em sua imensa diocese.

Senhores passageiros, penetremos em silêncio, de mansinho no velho Santa Teresa que regorgita de alunos e aí, no recreio, vemos o Padre Audisio jogando futebol com os alunos. Ele de um lado e o Padre Júlio Deretz do outro. Ambos franceses. Ambos salesianos da gema, divertindo despreocupadamente com seus discípulos.

Já em plena Grande Guerra, foram chamados para defenderem a própria pátria — a França. O padre Júlio foi e anos depois voltou. Padre Audisio obteve licença e ficou.

O colégio aos domingos, era um verdadeiro parque de diversão. Ao mandar os alunos para casa, era um caso sério. Padre Audisio tomava as bolas que custavam chegar às suas mãos e prometia castigos tremendos! Castigos que nunca se realizaram, pois o dia seguinte era dia de aula e os castigos jaziam no túmulo do esquecimento.

I — CATEQUISTA

Na capelinha romântica de Maria Auxiliadora, o vemos tocando o órgão e cantando com seus educandos. Que voz! Voz de barítono! Quanto amor a Deus, quanta devoção e dedicação no seu dever diário por anos a fio... Sacerdote total nas funções, no ensino e nos seus sermões de um aticismo cativante. Acima de tudo ele amava a Jesus, rei dos nossos corações.

Quantos gurus foram batizados e fizeram sua primeira comunhão naquela Capelinha simpática. Muitos anos depois, voltaram felizes e casaram-se, formando novo lar à sombra do velho Santa Teresa à rua 15 de agosto.

O mês da Virgem Mãe era comemorado com toda alegria e entusiasmo. Maio é o mês do amor, das flores,

dos bons propósitos. Culminava numa procissão que era uma verdadeira apoteose! Nesse setor religioso a existência corria suavemente. Tudo bem e em paz.

II — PROFESSOR PRIMÁRIO

Foi sempre exigente na disciplina e no aproveitamento dos alunos, que muito o estimavam. Apesar dos castigos ameaçados, generosamente perdoava as frequentes balbúrdias. Possuía ele um grande coração generoso e bom.

Enfrentava mais de 50 garotinhos do Curso Primário. Ao quadro negro, nos apresentava uma letra de fazer inveja! Belíssimos números abarrotavam-no de ponta a ponta. Seus bons alunos facilmente resolviam todos os problemas.

Para ativar os indolentes que sempre existiram, o bom mestre possuía uma vara de pescar. Quatro metros de comprimento. De quando em vez e de vez em quando, a vara mágica pescava um vadio, um dorminhoco, um buliçoso ou preguiçoso de marca registrada.

Diariamente o mestre corrigia 150 cadernos de contas, cópias, ditados, caligrafia e desenho. E os anos, lentamente, seguiam seu caminho como se fossem nunca mais acabar.

Certa vez, o nosso bom professor, com muita responsabilidade e quefazeres, inerentes ao cargo de Mestre e Conselheiro Escolar, tinha que distribuir tarefas, descentralizando assim as obrigações para o bom andamento do Educandário.

Chamou, então, um aluno bom, aplicado e inteligente. Deu-lhe a incumbência de, logo no início das aulas, distribuir cadernetas aos professores, nas Classes.

Eis que o aluno Deodato saía todos os dias e cumpria sua tarefa, aliás agradável. Lá um dia, o tal aluno

saiu e não voltou... Que será? O velho desconfiou. Deu uma volta. Encontrou o dito cujo na rua, namorando calmamente uma garota do colégio Maria Leite...

Muito bonito, né, seu malandro! Te peguei. Sacudindo o dedo indicador lhe disse sorrindo: Não quero mais saber disso em minha Classe e ainda mais comigo. Toca pra aula, já. Depois conversaremos.

Via-se ali o educador corrigindo, aconselhando, acompanhando de perto os passos de seus pupilos pela senda árdua do dever.

III — MESTRE DE CENA

No palco, 30 alunos. Ao piano, o M.^o Lombardi. E o Mestre de Cena ensina cantos, melodramas, comédias, diálogos e poesias... Nas horas de folga, lá está ele pintando cenários, costurando biombos, pregando bambolins, fazendo capacetes romanos de papelão... Enfim, lutando sem tréguas para o bom êxito de seu querido Grupo Dramático. Tudo o que ele fazia, fazia-o bem feito. O *savoir faire* dominava todas as etapas de sua existência.

E saíam as festas, aliás, belíssimas! Festa para o Diretor, para o meado de fim de ano, além dos dramas e festejos em benefício de obras sociais, auxiliado generosamente pelas matronas caridosas da época.

Diz Alceste de Castro no seu livro "Corumbá de Antigamente": E começava a solenidade. Mas Padre Audísio não parava. Policiava o salão para que nenhum aluno jogasse bomba, apitasse, brigasse... Em vão o Diretor Padre Czapla, o admoestava brandamente: — "Venha estar conosco, os salesianos, Padre Audísio! Não! Ele não ficaria. Tudo teria que sair perfeito".

"As peças não apresentavam enredo amoroso, mas eram simples e educativas. Tinham o seu "Suspense", suas cenas violentas, suas brigas, suas lutas. Represen-

tações de grande valor moral onde o Bem sempre triunfava e o bom, o justo, o trabalhador alcançavam o seu prêmio. E ai! do ator que não acertasse seu papel. Ai! daquele que estragasse um ato!

Caro Padre Audísio: o que não diria o senhor de nós, agora que vamos representando os dramas da vida, e sempre errando no palco do mundo!"

IV — INSTRUTOR MILITAR

Reparai bem naquele canto do pátio. Que barulho é aquele. Ouve-se isto: 1-2 e 1-2... é ele que ensina aos seus soldadinhos a marchar. E todos eles de espingarda de pau ao ombro, exercitam-se para futuras paradas colegiais.

À tardinha se ouve: Plan... Plan... Rataplan. É o mesmo instrutor ensinando aos meninos a tocar o tarol e o bombo surdo. Eis que de repente, aparece um músico e diz com cara de choro: Olha o que me aconteceu: o bombo rasgou-se...

Uma vez consertado, o garoto recebe o bombo e esta recomendação tremenda: Se você furar outra vez o bombo, eu te racho a cabeça. Sabe quanto custa uma pele nova? Fica sabendo que custa só 5\$000 na Casa Lemos. Caro como um danado. Você pensa que a gente acha dinheiro na rua?

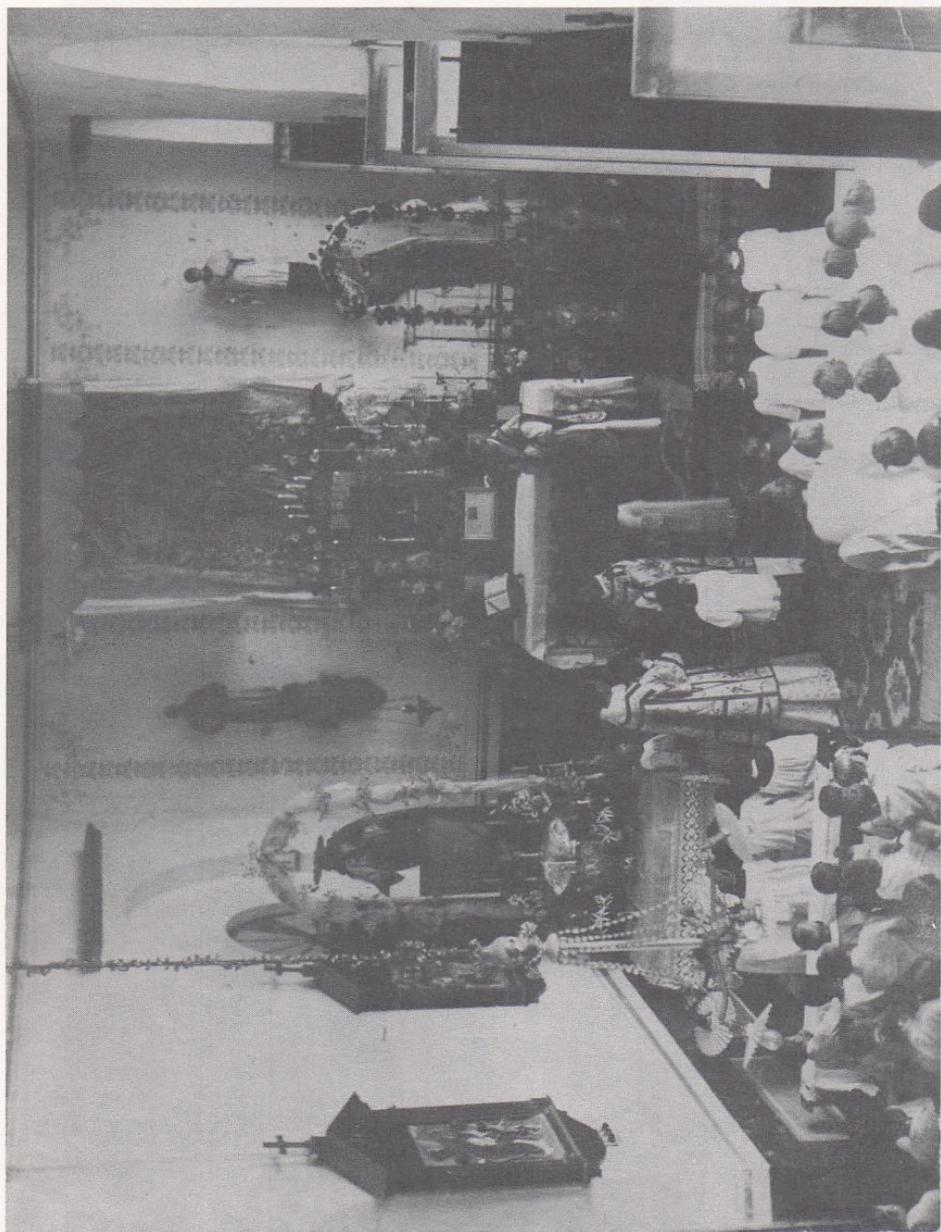
O fato é que o batalhão colegial saía às ruas da cidade todo de branco, numa ordem e harmonia notáveis!

Em certa época do ano, faziam-se solenemente visitas, homenageando o Sr. Bispo, o Prefeito Municipal, o Batalhão do 17.º B. C., a imprensa escrita, onde um sargento da Corporação lia um bonito discurso.

Voltavam os soldadinhos cantando uma canção militar sob o olhar firme e risonho do *Padre Janu*.



Um dos Times de Futebol do ano de 1924



*Primeira missa cantada do Pe. José Nunes Dias, na Capela
Maria Auxiliadora — Dez., 1930*

Quantos alunos hoje são generais, alguns reformados que, ao verem o desfilar do velho Santa Teresa, ainda se recordam com doçuras de seu tempo de menino!

V — DIRETOR DE ESPORTE

Vê-se no Santa Teresa, dois campos de futebol. Um grande e outro pequeno. Oito quadros estão escolhidos para o campeonato semestral — 1.º turno.

Lá está o Padre Audísio, no início dos treinos diários, empunhando caderneta e lápis. Da cobrança geral, ninguém escapa. . .

Ouve-se uma voz de trovão (sem microfone): Quem não pagou, não joga. A mensalidade já sabem: é \$400. E tem mais: deve ser pago tudo de uma vez.

Aparece um garoto e diz: Eu não tenho dinheiro. Aceita bolitas?

— Aceito, sim. Passa pra cá 8 bolitas de vidro ou então 4 de massa. Logo mais, todos jogavam alegres e joviais! . . . Viva o futebol! Viva a liberdade! Viva o Brasil!

VI — ENFERMEIRO

Quase metade do internato estava doente. Um dormitório isolado abrigava doze alunos. Alastrara o sarampo e lá estavam eles amolados, aborrecidos e tristes. . . Sem recreio, sem futebol, sem nada e dieta em cima.

Certas horas do dia, ouvia-se uma gritaria dos canecos: Estou com fome. . . Não agüento mais. Eu fujo daqui!

De repente, atoa uma voz conhecida lá no fim do corredor: Esperem aí vocês. E vinha ele com o Dr. Gas-

tão de Oliveira, médico da casa. Passavam o termômetro por todos eles. E, conforme as ordens do médico, era aplicada a sentença. Muitas vezes, a dieta continuava a atormentar os sarampentos.

VII — CONSELHEIRO ESCOLAR

O recreio ia na maior alegria e algazarra. O sino toca o primeiro sinal.

Naquele dia havia entrado no colégio um menino moreninho. Olhos pretos. Vivo como um serelepe... Entrara no colégio como se ele fosse o dono de tudo aquilo.

O passo-gigante não parava. Sempre ocupado. Ele queria dar umas voltas, mas nada. Os garotos passavam o "passo" aos seus amigos e ele ficava sobrando.

Eis que soa o 2.º sinal. Todos correm para as filas. Então, o menino de olhos pretos se ilumina de contentamento!... Salta no passo e gira feliz como ele só. Desferrava de tanta espera e chateação.

No meio de 400 alunos, o Conselheiro não pensou, nem se lembrou que era a primeira vez que aquele aluno entrara no colégio e deu um grito daquele tamanho: Você aí, vá lá pro canto de castigo, para aprender a obedecer à voz do sino.

E o garoto que se chamava Raimundo Moreira, foi para o canto da varanda, cumprir o castigo em seu primeiro dia de aula.

VIII — COMANDANTE DE BATALHÃO

Sete horas: o pátio formigava de alunos! Todos uniformizados de branco com polainas de pano cáqui. Fuzis, tipo mosquestão, de madeira. Oficiais com espada de verdade, montados em cavalos cedidos pelo 17.º Batalhão de Caçadores.

Uma vez formado, saía o batalhão colegial pelas ruas da cidade com sua afinada banda de música e sua fanfarrinha de doze músicos.

A banda tocava e os alunos cantavam a plenos pulmões a Canção do Soldado: "Nós somos da pátria guarda, fiéis soldados por ela amada; nas cores de nossa farda, rebrilha a glória, fulge a vitória!" E aqueles meninos não sabiam que estavam é cantando a Canção da Saúde, pois a da Saudade viria muito depois, quando eles, os soldadinhos do Padre Audísio, descobrissem as minas de prata da experiência, na cabeça cansada das lides neste mundo de Deus.

Num desses desfiles, no ano de 1918, o batalhão foi ao jardim público para tomar parte na inauguração da estátua do Mal. Antônio Maria Coelho, herói da Retomada de Corumbá na guerra com o Paraguai.

De volta ao colégio, suarento e feliz, o *Padre Janu* nos prodigalizava elogios especiais pelo garbo, cadência e disciplina durante o desfile. Em seguida, tomávamos um copo de groselha e corríamos contentes para casa.

IX — ASSISTENTE DE ESTUDO

Os estudantes do Santa Teresa recebiam aulas de manhã e de tarde. As aulas eram precedidas de uma hora de estudo em perfeito silêncio, para preparo de lições e tarefas.

Uma tarde, na hora do estudo, o Assistente que era o Conselheiro, do alto do sobrado, vê seus alunos brincando no quintal dos Amorins, do outro lado da rua Cuiabá. Apanha o binóculo e reconhece um por um. Toma nota. Mais tarde, um cartão antecipa a chegada dos gazeteiros em suas casas. Havia um deles que era de amargar, órfão de pai.

Pois bem, ao ouvirem o sinal do sino dando por terminadas as aulas, o Tal desceu do balanço de cipós e foi para casa, jubilosamente cantando uma marchinha.

Chegou em casa assobiando alto, alegre, expansivo, barulhento... A mãe dele, que ainda usava a lei de Chico de Brito, deu-lhe tamanha surra da qual nunca mais se esqueceu.

Dia seguinte, ela apareceu no colégio. Introduz o filho na sala de visitas e informa: Aqui está o fujão, sr. Conselheiro. Pode ficar certo de que isto não mais se repetirá. Ele já sabe quais são as conseqüências e, muito obrigado pelo seu aviso.

X — PARABÉNS PRA VOCÊ

Véspera dos anos do querido mestre, aquela sua classe de 1922, tinha regalias extras. A vara de pescar, descansava... Aí o bom mestre contava uma história muito bonita! Aquele vaivém de cabecinhas, paulatinamente se imobilizava. Emoldurava a sala de aula uma alegria geral! Não se ouvia o zumbido de uma mosca!

Em dado instante, já no final das aulas, o Educador anunciava com certa ênfase: Amanhã é meu aniversário. Vocês já sabem. Eu não quero nada. Não quero saber de barulho, de discursos, poesias. Nada disso. Então, estão bem avisados. E, numa voz mansa, rematava: Avisem a mamãe que o mestre faz anos. — Santa simplicidade!

Dia seguinte era uma festa! Festa assim só a do diretor. E vinha tanto bolo, doces, licores, papo de anjo, bons bocados... Isto tudo sem falar na cerveja corumbaense — fórmula alemã, de sabor especial e as gasosas gostosíssimas! Gasosas que os sedentos de então bebiam com uma atenção a três dedos do nariz, pois as garrafas eram vedadas com uma bolita de vidro que dançava no gargalo. Tudo da fábrica de bebidas San Pedro. Cada garrafa de cerveja custava nos bons tempos 1\$000 e dez mil réis a dúzia. A gasosa custava \$200 cada garrafa.

Parabéns pra você e que tenha muitos amigos também, gritavam euforicamente os seus meninos.



Professores do Colégio Santa Teresa e Vigários — 1931



Um passeto geral ao Urucum — Ano de 1927

XI — FOTÓGRAFO AMADOR

Possuía o nosso amigo uma máquina fotográfica das grandes 13 x 18. Saíam umas fotos bonitas! Sem retoques. Na época, usava-se só chapas de vidro. Batiam-se fotografias das classes e mormente dos quadros de futebol. Ele mesmo revelava seus trabalhos.

Com papel especial, para sol, imprimia fotos de cor sépia, ali na varanda à vista de meninos curiosos.

Se existem hoje fotografias na Sede dos ex-alunos e com mais alguém, é porque o Padre Audísio deu sua contribuição na bela arte de fixar momentos inesquecíveis da vida. Bem diz a frase: **“A cada fotografia que batemos, é um pedaço da vida que guardamos”**.

No final do ano, o Diretor Padre Dr. Hermenegildo Carrá, alma de escol, juntava as melhores fotos e mandava imprimir um álbum em São Paulo. Álbum muito bonito com retratos das classes e quadros de futebol, de amigos e benfeitores do Estabelecimento.

Havia notas dos alunos, crônicas, poesias, trechos divertidos e piadas. Verdadeira revista colorida! Era, no final do ano, distribuído a todos os pais de alunos, amigos, benfeitores e autoridades.

Álbuns iguais àqueles, nunca mais apareceram!

XII — ESPORTISTA

Além de atleta legítimo, era esportista no verdadeiro sentido da palavra. O seu prazer era ver os meninos em movimento, brincando a fim de mantê-los sempre ocupados. Não só o trapézio, as argolas, os balanços, o passo-gigante que não tinham descanso, mas bem assim o futebol.

A paixão pelo futebol acompanhou-o até os últimos dias. A distração de suas longas horas de inércia, era

assistir pelo rádio ou TV as partidas dos quadros preferidos.

Somente dois brinquedos eram proibidos no colégio: o pião e a funda. Acontecera que um aluno jogara um pião na varanda e casualmente saltou mais de dois metros de altura! Passava o saudoso Padre José Salvetto e foi atingido bem encima dos olhos. Desse dia em diante nunca mais o pião entrou no Santa Teresa. A funda idem.

Porém, o rei dos brinquedos era e sempre foi a bola de couro. Elas vinham de São Paulo e caríssimas!

Um belo dia, brotou uma idéia feliz e luminosa na cabeça do mestre. Escolheu ele uma bola velha, mas em bom estado e disse ao Sr. Pedro Abukalil: Desmanche esta bola e por ela faça uma nova. E a bola nova veio e foi estreada, dando dribles em todo mundo... Com o tempo aperfeiçou-se o seu feito.

Na 1.^a Exposição que houve em Campo Grande, em 1932, Abukalil apresentou uma n.º 5 com as cores do corumbaense: preta e branca e obteve com ela medalha de ouro pela sua perfeição. De volta, ela ficou dependurada no meio da sede do Carijó por muito tempo.

Através do Padre Audísio e o sr. Abukalil, Corumbá ganhou medalha de ouro por ser a cidade de Mato Grosso a fabricar e exportar bolas de futebol.

XIII — PASSEIOS

O calor desta terra de pedra calcárea, era muito mais intenso do que hoje, e obrigava-nos, em certas horas do dia, a procurar celeremente um refrigerio. Padre Audísio nunca bebeu leite, mas adorava o café. Gostava mais ainda do frescos de café com gelo, pois não se conhecia, naqueles tempos, as apreciadas geladeiras de hoje em dia.

Tornava-se evidente, para uma higiene mental daqueles estudantes, a promoção periódica de agradáveis passeios gerais ao Urucum, Porto Aurora e Rabicho, lugares próprios para pescarias, onde os meninos se regalavam, divertindo-se a valer!...

Surge daí lembrar que nós temos a melhor bacia de pesca do mundo. A do rio Paraguai não se compara neste setor à bacia amazônica. Nada se encontra com tanta fartura e variedade em nenhum país, quer da América como de outros continentes. É uma dádiva divina para o nosso rico Mato Grosso.

Durante a pescaria passa um garoto e diz assustado: Eta francês de dentes fortes! Vira ele que o Padre Audísio entortara com os dentes um anzol e logo depois cortava o arame de cobre para preparar a chumbada! De repente, ele grita: "Infeliz". Uma piranha sem respeito, tinha-lhe beliscado o dedo polegar...

O caso é que não ficava parado: sempre na luta, em prol da juventude corumbaense que auferia a maior e melhor porção de sua vida de verdadeiro salesiano.

Daí, com seu entusiasmo vibrante, fundar os Escoteiros, exigindo com energia a obediência ao regulamento da Entidade.

Só a lembrança desses passeios traz, aos meninos de ontem, muita saudade daqueles deliciosos momentos.

XIV — MAESTRO DE BANDA DE MÚSICA

Passageiros do Santos Dumont, estamos em plena revolução de 1924. O 17.º B. C. de há muito que se ausentara com todo o batalhão militar e com ele a Banda de música. Na cidade, derramava-se um laivo de tristeza infinda!...

Aconteceu, porém, que a célebre banda dirigida pelo M.º Honório Pedroso, com elementos extraordiná-

rios como o compositor Jorge Castilho, Silvino Pedroso, Mané Mineiro, Chambalé e outros que tocavam a canção do soldado, tinha-se extinguido.

Eis porque com oito músicos antigos, que se ofereceram espontaneamente e dez novos, alunos do Santa Teresa, formou-se a nova banda de música sob a regência firme do nosso biografado.

Verdade seja dita, quebraram-se seis batutas, mas o Padre Audísio conseguiu o seu desideratum. A banda musical foi inaugurada no salão nobre com um dobrado, 2 valsas, 2 marchinhas e uma polka. Tive a honra de tocar um solo de pistão na bandinha do inolvidável maestro.

Dia seguinte, convidaram a banda para tocar no Jardim Público, a retreta dominical.

XV — ANIMAIS DOMÉSTICOS

No lendário Santa Teresa existia um filhote de onça (mais parecia um gatinho pintado), e um cão grande e bonito! Pe. Audísio, no recreio, colocava-os no palco, ali ao lado da varanda.

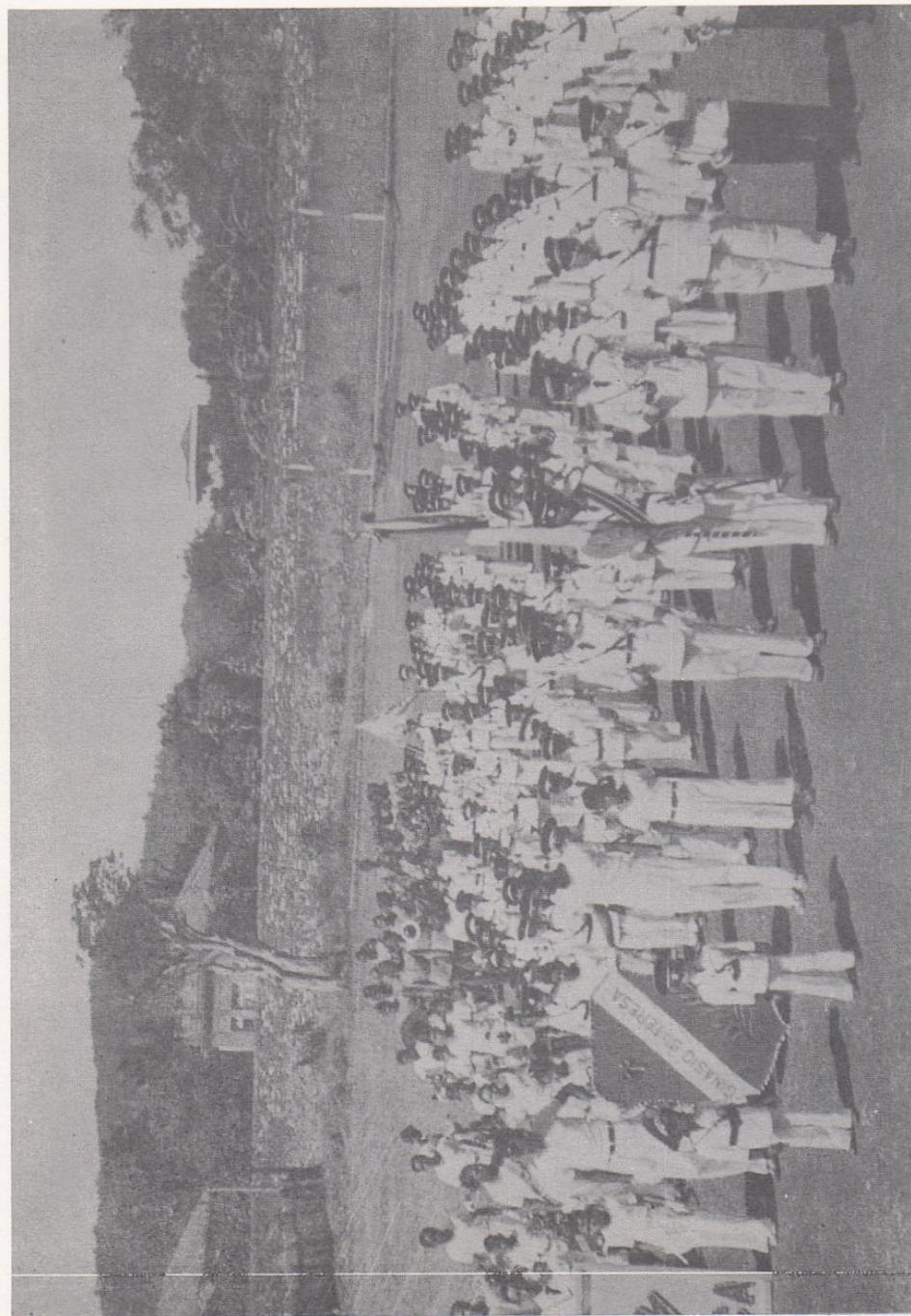
Saía o cão de um bastidor e caía em cima da onça no meio do palco, rosnando e rindo de brincadeira... Os alunos, na varanda, divertiam-se a valer! Parecia impossível ver aqueles inimigos de mãos dadas.

Interessante, atirava-se um pedaço de carne, logo a onça se aproximava e mostrava os dentes, rosnando suavemente. O cão que era bem maior, punha o rabo entre as pernas e retirava-se de cena.

Houve um tempo que o nosso biografado criava galinhas. À tardinha, após as aulas, ele atravessava o campo de futebol, tendo em redor de si umas 80 galinhas caipiras, numa algazarra galinácea.



Passeio ao outro lado do rio Paraguai — 1928



Batalhão Colegial do Santa Teresa

Houve outra época, criava numa corrente fina, um macaco com quem brincava. Naturalmente servia-lhe de higiene mental, após um dia de lutas de aulas com a juventude estudantil corumbaense.

Em Lins, Estado de São Paulo, onde servia com carinho e dedicação nos misteres educacionais possuía um cãozinho levado da breca de nome Totó. Aquele amigo do homem, divertia-o e bem assim aos alunos do colégio D. Henrique.

Acontece que o Diretor, mandou o padre Audísio a S. Paulo a fim de descansar. Ele foi e por lá ficou. Não voltava mais. E agora, o que fazer... O colégio precisava de seus valiosos préstimos. Bolaram, então, um telegrama carinhoso, nestes termos: "Pe. Audísio pt Os salesianos vg alunos vg o povo vg amigos et Totó vg aguardam saudosamente sua volta pt".

Imediatamente ele fez as malas e voltou sorridente e feliz! Retomou suas funções para alegria geral dos habitantes do velho Estabelecimento.

XVI — DIRETOR

Por duas vezes foi Diretor, mas em breves períodos.

Em 1930, integrou o grupo de salesianos que, tendo à frente o Padre João Pian, deu início às atividades escolares em Campo Grande. Colaborou no lançamento da pequena semente, do grande arvoredado que é hoje a obra salesiana daquela cidade.

Em 1934, na Obra Salesiana Ponta Porã, obra esta cedida poucos meses depois aos padres Redentoristas, e em 1946, em Três Lagoas.

Em 1936 foi transferido para Lageado, atual Guiratinga, onde prestou sua colaboração no Instituto Bom Jesus, e na desobriga espiritual. Percorreu garimpos para levar-lhes a lei do perdão e do amor.

Foi naquela oportunidade que encontrou os antigos colegas de profissão: Padre César Albisetti e D. José Selva, zeloso e amado pastor da Prelazia do Registro do Araguaia. Seu 3.º colega Dom Francisco de Aquino Corrêa, residia em Cuiabá, em sua arquidiocese.

Fechada a obra em Ponta Porã, foi transferido para o colégio Salesiano D. Henrique na cidade de Lins, S. Paulo, onde ficou até 1960. Em Lins, além de professor no colégio, foi Vigário cooperador da paróquia de São João Bosco, dedicando-se com zelo no atendimento das confissões.

XVII — JUBILEU DE OURO

Sobrevoamos agora o ano de 1965. Penetremos no Santuário de Maria Auxiliadora. Cálida manhã do dia 16 de julho.

Com assistência pontifical de D. Ladislau Paz, bispo diocesano, o Padre Januário cantou solenemente a missa de ação de graças, com a mesma alegria e emoção de outrora, comemorando seu Jubileu de Ouro de Sacerdócio: 50 anos! Naquele dia o Padre José Corazza teceu um panigírico lindíssimo sobre a vida do nosso festejado e de Dom Bosco, a quem ambos serviam. E ele pôde, então, repetir duplamente com São Paulo: **“Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé”**.

Nesse dia glorioso das suas Bodas de Ouro, tive o prazer de ler este apanhado de sua vida. Ele, alegre e feliz sorria! Vez por outra dava uma gargalhada gostosa em lembrando façanhas de seus dias de vida ativa no colégio Santa Teresa. No final da Sessão Litéro-musical, ao cumprimentá-lo, disse-me: Muito obrigado, José. Só você poderia retratar-me com tanta perfeição. Ao que lhe respondi: Não Senhor, qualquer aluno de seu tempo, faria o mesmo.

Dias depois, recebi estes dizeres num cartãozinho através daquela letra invejável.

Exmo. Senhor
José Luciano Schneider
Rua Firmo de Matos, 71.
Nesta

O Padre Audísio, profundamente emocionado, agradece cordialmente as demonstrações de carinho de que foi alvo por ocasião dos festejos de suas Bodas de Ouro Sacerdotais, transcorridas no dia 16 do corrente.

Atenciosamente muito agradece.

a) Pe. Januário Audísio Ducotey
S.D.B.

Corumbá, 22 de julho/65.

Por este documento valioso, tenho a certeza de que o meu Patrono na Academia Corumbaense de Letras, aprovou, ainda em vida, a sua biografia, sem pequeno acréscimo.

Em 1969, voltou felicíssimo para rever esta cidade que sempre amou e a que dedicou a maior e mais bela página de sua vida.

Seus queridos alunos, na época, o receberam de braços abertos, festivos, aplaudindo-o cordialmente! Ora pois, é tão bom recordar que também é viver.

XVIII — RECORDANDO...

Para vida de seu coração magnânimo de alma voltada sempre para Deus, apareciam com frequência

cada vez maior, os meninos velhos para uma visita de amigo. Era uma verdadeira festa, uma higiene mental, uma vitamina nova afrouxando os nervos...

Quantas lembranças e alegrias a sua invejável memória fazia ressuscitar para aquela palestra da amizade. O velho mestre se transformava, remoçava, criava ânimo e prazenteiramente, retornava para o tempo de sua juventude perdida no meio jovial da mocidade corumbaense. Então, o reviver do passado tão saudoso, fazia com que ele, momentaneamente embora, se esquecesse das agruras no final de sua existência.

Quanto é bom e salutar reviver!

E o mestre com seus meninos de ontem, viam numa apoteose deslumbrante a grande Figueira, procurada pela sombra bemfazeja. O velho Algibe de Pedra, de águas azuis e quase geladas que lavou muitos pés cansados de bater na bola. O passo-gigante, girando sem parar... Bolas de futebol e bolitas de vidro rodando pelo chão... A Capelinha com suas festas alegres e inolvidáveis!... No salão de Atos, onde o M.^o Lombardi tocava piano, os meninos cantavam a canção do amor e da alegria de viver!

Por fim, a noite vinha e cobria a terra. Os visitantes se retiravam e o velho mestre solava baixinho a Marselhesa!

XIX — CIDADÃO CORUMBAENSE

Corumbá que o recebeu de braços abertos desde os primeiros dias, conhecendo de perto seus méritos através da Educação de seus queridos filhos, não o esqueceu à margem de sua História. Por intermédio de um Edil, Sr. Pedro Ferreira Gomes, foi proposto e aprovado unanimemente pelos seus pares, o seu ingresso solene no rol dos filhos legítimos desta abençoada terra.



Grupo Geral dos Salesianos de Mato Grosso em Campo Grande



Pe. Audisio ao lado do Bolo comemorativo das Bodas de Ouro Sacerdotais

Ele, o Padre Januário, recebeu com lágrimas nos olhos o Título justo e honroso de **CIDADÃO CORUMBENSE**, com aplausos calorosos de seu povo.

Lembrou-se freqüentemente dessa ocorrência, não para se ufanar, mas para provar a validade do sistema educativo de São João Bosco, Pai e Mestre da Juventude.

XX — COM O GIZ NA MÃO

Chegamos agora em fins de 1965 — cinquenta anos depois do início de nossa viagem.

É noite. Há luz numa sala de aula do Círculo Operário. Alunos-operários que freqüentam o Ginásio noturno. Chego mais perto. Esfrego os olhos. E o que é que vejo? Vejo, sorridente na Cátedra, o velho mestre ensinando o idioma de sua longínqua pátria — o francês.

Confesso francamente a minha admiração! Mais que isso. O meu espanto... Meu Deus do céu, o que é isto?!... Fui recebido por ele, no Santa Teresa, com 8 anos em 1914. Estou aposentado há mais de 5 anos, e ele com seus 81 anos e ainda com o giz na mão!

No quadro negro se lia, na sua encantadora e inconfundível letra — o verbo **AIMER = AMAR**.

No espaço de 50 anos, o Padre Audísio ensinou o A-B-C à mocidade vibrante de nossa terra. Ensinou a **AMAR** a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Ensinou a amar a vida. E, muito mais ainda: procurou por todos os meios conhecidos transformar a mocidade, ensinando-a a mudar a soberba em humildade; a preguiça em diligência; a avareza em liberalidade; a luxúria em castidade; a gula em temperança; a ira em paciência e a inveja em caridade!

Ensinou a **BELEZA** das coisas, das flores, do canto, da música, de uma página bem limpa, em ordem e com boa caligrafia, para que seus discípulos mais tarde,

aprendessem a conservar bem limpa e em ordem a página da própria vida.

Ensinou a **CARIDADE** em tudo e por tudo. Pois sem ela não alcançará o reino dos céus, onde o amor não morre.

Padre Audísio ensinou o A-B-C ou seja o **AMOR**, a **BELEZA** e a **CARIDADE**. Trio completo para um bom viver...

Caminhando firme e sorrindo para seus 90 anos, volta pela última vez para Campo Grande, onde o bom clima favorece sua saúde abalada pelas grandes batalhas de sua vida. Batalhas realizadas em defesa da juventude matogrossense.

Todavia, ele sempre dissera em seus discursos que seu desejo era morrer em Corumbá. No entanto, humildemente acatou a voz da Obediência e foi para a Cidade Morena.

Finalmente, passageiros do Santos Dumont, chegamos ao fim de nossa longa viagem, repassando pedaços maravilhosos da vida do nosso biografado.

Desafivelai os cintos e levantai o pensamento ao Senhor Jesus para uma prece de amigo para o Amigo, de aluno para o Mestre, de cristão para o Sacerdote de Cristo.

Na chácara São Vicente, na cidade dos ubertosos guavirais, o Padre Januário Audísio Ducotey transcorreu seus últimos e preciosos dias, cercado pelo carinho dos Aspirantes, das Filhas de Maria Auxiliadora, e, em modo especial, dos salesianos de toda a Inspeção de Santo Afonso de Ligório.

Assim, sentindo-se o centro de tanto amor, simpatia e estima por parte de todos, viu chegar a morte e a aceitou com simplicidade, permanecendo lúcido até os últimos instantes. Deixou-nos silenciosamente como lâmpada à qual falte o azeite.



Pe. Ernesto Sassida saudando o Pe. Audisio



Saudação de D. Ladislau Paz nas Bodas de Ouro Sacerdotais

Ao meio dia de 25 de abril de 1972 voou para o céu a boa alma do nosso inesquecível mestre ao completar 88 anos, 5 meses e 21 dias de vida.

HOJE, ao lado de Dom Bosco santo, já recebeu o prêmio certo pelo Bem imenso que semeou na vinha do Senhor.

XXI — OBRAS LITERÁRIAS

O nosso emérito Educador não deixou obras literárias, livros em letra de forma. Não senhor. Porém, na sua luta ingente por mais de 50 anos de magistério, deixou montanhas de cadernos corrigidos carinhosamente, onde predominava a ambicionada nota 10!

A cada dez, um sorriso de alegria, de parabéns ao felizardo! E ele era pródigo com os alunos a fim de incentivá-los sempre mais a cumprir o dever.

Padre Audísio foi jornalista anônimo. Não assinava as suas crônicas relatando as festas do colégio. Não se lia sequer um pseudônimo nos jornais da terra: Cidade e Tribuna. Jornais estes que sempre traziam na primeira página um lindo soneto do consagrado poeta Carlos de Castro Brasil. Isto tudo sem falar nos dizeres e dísticos bem redigidos para os célebres álbuns anuais, orientados pelo Pe. Dr. Hermenegildo Carrá.

E que dizer dos livros de Atas, Registros e Ocorrências do Educandário, feitos à mão num cursivo invejável, com desenhos caprichados, os quais, infelizmente, foram queimados criminosamente por um desequilibrado mental.

Mais. Seus escritos simples, objetivos ficaram gravados na alma dos seus queridos ex-alunos que ainda hoje ocupam cargos de renome nacional e mesmo internacional.

XXII — ÚLTIMO CRUZADO

Ao findar esta biografia do meu Patrono, quero anexar neste final, com grande prazer, um trecho do renomado Poeta, Escritor, Romancista convincente e Jornalista conterrâneo **Dr. Alceste de Castro** que, num estalo de Vieira, concisou facilmente a vida do Padre Audísio nestas poucas linhas, que originou o título deste livro.

“É bem certo o axioma: Cada homem tem sua época, cada época tem o seu homem. Os homens são para a história o que os objetos para as modas. São providenciais para um período definido, intransferível nas suas realizações. Vivem para uma era certa, para um determinado momento da vida. Sem eles, parece-me que a sociedade não se transformaria. Assim são os grandes Reis, os Chefes de Estado, os Generais, os Almirantes, os Poetas e os Missionários. Surgem como Cometa, iluminam o firmamento de um povo e seguem seu rumo divino pelo espaço.

“O último grande cruzado não foi Pedro, o Eremita, nem Ricardo Coração de Leão e nem Frederico II. Também não foi Dom Sebastião, Rei de Portugal!

O último cruzado foi Padre Audísio!”

XXIII — BODAS DE DIAMANTE

Dia 12 de outubro de 1974.

Em uma cálida noite estrelada, de clima tropical corumbaense, no dia da Padroeira do Brasil Nossa Senhora da Aparecida e também dia da criança, especialmente escolhido, o Batalhão do velho Santa Teresa e o do GENIC, comemoraram os 75 anos da chegada dos salesianos nesta cidade. O Diretor do colégio Pe. Mário Pellatiero, foi muito feliz na escolha do dia.

O desfile comemorativo foi simplesmente espetacular! Os ginásios todos da cidade uniram-se como irmãos para abrilhantarem tão festiva data sob a reverência imponente das palmeiras reais da Avenida Mal. Rondon.

As ruas da nossa Corumbá, amanhecera artisticamente enfeitadas sob os comandos dos Senhores: Acyr Pereira Lima, Prefeito Municipal de Corumbá e de Benedito Jorge Boabaid, Presidente da Associação Comercial, ambos ex-alunos salesianos — regorgitavam de povo, mormente crianças, para prestigiarem calorosamente o grande acontecimento: BODAS DE DIAMANTE da chegada dos salesianos em Corumbá.

O Presidente da Academia Corumbaense de Letras, Dr. Lécio Gomes de Souza, organizou uma Comissão para escolha de Patronos da Entidade. Esta, então, houve por bem, na data tão magna, incluir com o número 33, idade de Cristo que, posteriormente, por ordem alfabética passou para o número 5, o nome do emérito Educador Padre JANUÁRIO AUDÍSIO DUCOTEY — símbolo sagrado dos salesianos neste colosso Estado, como homenagem da nova Academia Corumbaense de Letras aos abnegados e cultos salesianos que nos legaram esta obra maravilhosa que é, sem dúvida nenhum, a Congregação Salesiana em Mato Grosso.

XXIV — CENTENÁRIO DA MISSÃO SALESIANA NA AMÉRICA

Terminei meu trabalho sobre meu Patrono, homenageando também a Congregação da qual ele foi um dos baluartes, ao comemorar no Dia do Professor, neste ano de 1975, o Centenário da Missão Salesiana na América.

As festividades solenes foram realizadas em Campo Grande, em que tomaram parte ativa as delegações dos colégios: Santa Teresa e Dom Bosco de Corumbá; São

Gonçalo de Cuiabá; Luiz Lasagna de Araçatuba; Dom Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora, de Campo Grande e bem assim as delegações dos Bororo e dos Xavante, de Sangradouro e São Marcos.

O desfile de encerramento foi imponente e inesperado para os Campograndenses que acorreram às ruas para presenciar o insólito acontecimento e as bandas de música e fanfarras.

Parabenizamos os religiosos salesianos ao comemorar sua Obra na América em 100 anos de benemerências e que Dom Bosco santo os ilumine em seu trabalho educacional no seio promissor de nossa juventude por muitos e muitos anos!

* * *



Pe. Audisio agradecendo as Homenagens que lhe foram prestadas

OPINIÕES

JOSÉ NUNES DIAS — Li de um fôlego suas crônicas. Não sou saudosista. Mas um troço desse me fez bem enorme ao meu coração.

MÁRIO RIZÉRIO LEITE — Li e gostei das crônicas. São coisas que aí aconteceram e que vão acontecendo na vida da gente com pequenas variantes. Tem sabor de nostalgia e cada um já viveu cenas como aquelas. Fazem a gente voltar atrás em busca do tempo perdido e que só vivem na memória, trazendo recordações e tristezas. Mas vale a pena recordar. E se ficam registradas — no seu caso, valem por uma história da cidade.

DJALMA MEDEIROS — Li, uma a uma, suas reminiscências. E, sob o embalo da ternura dominante em todas elas, fiz uma viagem encantadora no passado desta nossa querida Corumbá.

MARIA ALZIRA ALDERET NUNES DIAS — Terra e Gente, livro precioso que apresenta a alta capacidade do Autor e, des cansa e enleva a quem o lê. Como o meu João ficaria feliz se pudesse apreciar essa finíssima coleção de crônicas lindas, naturais, suaves... mas os camalotes descem e ele subiu ao chamado do Senhor.

FELIZ ZAVATTARO — Peguei o livro. Comecei a ler uma crônica, depois outra... até o fim! livro otimista, sereno, salesiano. Retrata a boníssima alma do autor. O senhor está de parabéns! E também está a cidade de Corumbá, que assoma tão catita em todas as páginas de "Filmando".

DOMINGOS LARAYA — Seu livro serviu para reavivar em meu espírito o longínquo passado de saudosas lembranças. A semelhança quase total com a minha terra natal — Cuiabá, transportou-me desde a infância à adolescência, quando então partia para o Rio em busca da Universidade. Sua bagagem literária em doze trabalhos, iniciada há 4 décadas, valoriza-se no aprimoramento do estilo e da época vivida. Parabéns!

ARGEMIRA G. DE ALMEIDA — Há dias, tive o prazer de receber seu belo livro de crônicas. Estou lendo e gostando muito

das recordações do tempo passado da nossa querida Corumbá. Que saudade! Fico-lhe grata pela lembrança e rogo a Deus lhe conceda muitos anos de vida para proporcionar-nos como essas, outras tantas crônicas.

RENATO BAÉZ — Recebi seu último livro. Li-o de um só halo e fiquei maravilhado ao recordar aspectos e fatos de nossa querida cidade. O livro está de mão em mão sendo saboreado pelos meus familiares que sempre lembram com carinho de sua pessoa e família.

SILVINO PEDROSO — Seu livro, ó José, me fez um bem enorme. Na página 141 arrancou-me lágrimas dos olhos! Está em cima de minha mesa ao alcance da mão.

WILMA e CELSO VICKERT — Ficamos sensibilizados com sua obra Terra e Gente. Lemos do princípio ao fim e não pudemos deixar de sentir uma imensa saudade! Pois embora estejamos bem, sentimos muita falta do nosso berço, do calor humano que existe na Cidade Branca.

DOM ANTONIO BARBOSA — Publicação Terra e Gente. Nela o senhor comunica riquezas à moda ensinada pelo Mestre. *Omnis scriba doctus in regno caelorum, similis est homini patri familias*, que profert de thesauro suo *NOVA ET VETERA*. Eu me estou enriquecendo. E lhe sou grato.

SEVERIANO DE ALMEIDA — O nome do autor não me era alheio. Sua linguagem simples, torna a leitura deliciosa e agarrativa e dá sabor às pequeninas coisas. É simplesmente admirável! Depois de ler a obra, passei ao mano Joãozinho que a leu duas vezes.

EVARISTO AFONSO — Li e reli seu livro. Parabéns pelo seu 11.º filho e oxalá os leitores possam esperar de você mais 10 filhos! Eles serão um descanso agradável para os seus amigos. Quantas recordações me vieram à mente e quantas saudades senti ao ler várias páginas de suas crônicas. Caríssimo Me. José, sinto-me, hoje, muito contente. Termino, pedindo a Deus muitas bênçãos para você e família.

EDUARDO MALHADO — Vós, mestre José, com seu precioso livro preenchestes galhardamente essa lacuna qual seja o ponto que liga o seu presente ao seu passado. Apresento-vos, prazerosamente os meus agradecimentos do melhor teor. Subscrevo-me com a velha estima e o elevado apreço.

OSWALDO SERGIO LOBO — Seu livro, fez-me lembrar dos nossos bons tempos de Cuiabá e Corumbá. Tempo que já vai longe, muito longe... Parabéns pela sua obra que é jóia! Con-

tinue brindando-nos com sua pena maravilhosa. Abraços do velho sediado em Brasília.

SÍLVIO SATTLER — Apreciei-o muitíssimo. Emprestei-o a vários colegas meus que o leram com muito apreço, e, também o cobiçaram. Foi uma boa aquisição para minha modesta biblioteca. Nas horas vagas deleito-me em reler alguns tópicos mui interessantes. Ainda bem que ainda há bons cultivadores de nosso belo idioma.

NAUDILEY — Livro muito interessante, onde através de suas crônicas o leitor faz um passeio ao passado, lembrando recantos e personagens dos mais tradicionais de nossa cidade.

GERALDO MARTINS DE BARROS — Com satisfação fazemos este a fim de apresentar a V. S.^a as mais efusivas congratulações pela publicação do livro "Filmando...", de sua autoria, numa nova demonstração do seu invulgar talento.

BENEDITO JORGE BOABAID — Foi para nós da Associação Comercial de Corumbá, um verdadeiro deleite a leitura das suas crônicas e reminiscências, encantadoras e tão amenas. Ao felicitarmos V. S.^a pela edição desse agradável livro, também de feição gráfica primorosa, cumprimentamos o mundo intelectual corumbaense e matogrossense que contará com mais um precioso livro na sua histórica biblioteca.

Gal. LAURO ROCA DIEGUEZ — Muito grato pelo delicioso livro de crônicas "Filmando Terra & Gente", cuja leitura, além de uma feliz introdução às estórias, hábitos e costumes da cidade, proporcionou-nos, realmente, momentos de agradável lazer!

BRASÍLIO MARAJÁ — Obrigado por se lembrar de mim, a ponto de remeter seu filme. Hoje terminei a releitura de suas crônicas. Para quem, por dever do ofício, anda freqüentemente às voltas com teorizantes da Linguística e Estilística — na maioria uns grandes sofisticados, é uma gostosa experiência o encontro com a sinceridade de suas crônicas, de gritante singeleza: água da fonte.

PEDRO PINTO FERREIRA — Sensibilizado, agradeço o belo presente "Filmando Terra & Gente". A julgar pelo primeiro capítulo "O João de Barro", trata-se duma tetéia. Parabéns!



Último discurso do Pe. Audisio

ACADEMIA CORUMBAENSE
DE LETRAS
CORUMBÁ — MATO GROSSO
PATRONO DA CADEIRA N.º 5



Pe. Januário Audisio Ducotey

ÍNDICE

Prefácio	5
Razão de ser	9
Preâmbulo	11
I — Catequista	13
II — Professor Primário	14
III — Mestre de Cena	15
IV — Instrutor Militar	16
V — Diretor de Esporte	17
VI — Enfermeiro	17
VII — Conselheiro Escolar	18
VIII — Comandante de Batalhão	18
IX — Assistente de Estudo	19
X — Parabéns pra você!	20
XI — Fotógrafo amador	21
XII — Esportista	21
XIII — Passeios	22
XIV — Maestro de Banda de Música	23
XV — Animais domésticos	24
XVI — Diretor	25
XVII — Jubileu de Ouro Sacerdotais	26
XVIII — Recordando	27
XIX — Cidadão Corumbaense	28
XX — Com o giz na mão	29
XXI — Obras Literárias	31
XXII — Último Cruzado	32
XXIII — Bodas de Diamante	32
XXIV — Centenário da missão Salesiana na América ...	33
OPINIÕES sobre o livro "Filmando Terra & Gente"	35

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.
Caixa Postal, 30 439
SÃO PAULO

